

1,5 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS

Amanhã eu paro!

Gilles
Legardinier

*O fabuloso destino
de Julie, uma garota
desesperadamente
romântica e
completamente
desastrada*



Você já conheceu alguém que deu uma festa quando se divorciou? Eu já. Nos casamentos, em geral quem mais se diverte são os futuros noivos. Ouvimos suas buzinas quando eles seguem em procissão na direção do cartório, cruzamos com eles no dia anterior nas ruas, em bando, vestidos de palhaço ou quase nus. Com grande reforço de tambores e fanfarras, eles exibem aos passantes a alegria por enterrar a vida de solteiro, às vezes com mais de 35... Menos de um ano depois, porém, quando 19% deles se separam, ninguém mais joga confete. Bom, Jérôme, sim.

Não assisti aos seus dois primeiros casamentos, mas fui ao terceiro. Três matrimônios e três divórcios aos 32 anos não é para qualquer um. Diz o ditado: “No segundo naufrágio, não ponha a culpa no mar.” A sabedoria popular não se aventurou até o terceiro.

Cá entre nós, acho a festa do divórcio dele bem mais legal do que as de casamento. Nada de ficar se exibindo, nada de códigos sociais, adeus, discursos obrigatórios, tchau, vestido sufocante, de volta ao armário os sapatos de salto alto feito despenhadeiros que podem matar em caso de tropeço, nada mais de vaquinha para reformar a igreja, nada de cardápio com pratos metidos a besta com molhos impossíveis de digerir, e mais nenhuma piada idiota do tio Gérard, que, aliás, não foi convidado. Apenas pessoas com as quais ele tem vínculos de verdade e a quem foi honesto o suficiente para dizer: “Deu errado outra vez, mas eu gosto de vocês.” Acho que até a primeira mulher dele está na festa.

E eis que me encontro, num sábado à noite de outubro, dentro de um belo apartamento apinhado de gente, entre pessoas que estão se divertindo de verdade graças a Jérôme. Ainda é cedo, há sorrisos, conver-



sas soltas, e todos falam daquilo em que fracassaram, daquilo de que se arrependem, num clima um tanto surrealista, porém leve. Parece uma reunião dos “Fracassados Anônimos”. Quem inaugura a festa é Jérôme:

– Obrigado a todos por terem vindo. Não há nada a comemorar, a não ser o prazer de conhecer vocês. Todos fazem parte da minha vida. Prefiro deixar logo bem claro que os presentes que vocês generosamente me deram... generosamente no caso de alguns... não serão recompensados. Hoje não estou mais usando um terno bonito e não conto mais com vocês para bancar minha lua de mel, aliás, nem mulher eu tenho mais. Por uma perversão da qual eu não sabia que era capaz, fico pensando se esse divórcio da Maria não foi motivado unicamente pela minha vontade de dar essa festa com vocês. Então, eu assumo tudo. Dou a vocês o presente de ser o pior, a referência mais rasteira possível, o fundo do poço. Se um dia vocês se sentirem uns merdas, se sentirem culpados por seus fracassos e com raiva de si mesmos, pensem em mim, e espero sinceramente que se sintam melhor.

Todo mundo ri, todo mundo aplaude, então uma moça começa a contar que foi demitida três semanas antes por ter dado uma gargalhada na cara de um engraçadinho que a estava azarando. Pensou que ele fosse algum executivo cheio de testosterona da área comercial, mas na verdade era o jovem e bem-apegoado CEO do cliente mais importante de seu chefe... Ela perdeu o emprego e morreu de rir. E todo mundo riu junto.

De confidência em confidência, a noite logo fica animada; as pessoas têm assunto. Ninguém fala de televisão, nem de todas aquelas coisas sem importância que dominam inutilmente nossas vidas. Ninguém precisa beber para se divertir e se sentir bem. Estamos entre iguais, seres humanos falíveis. Quando celebramos um aniversário, uma vitória ou um acontecimento feliz, nunca fica esse clima. Há sempre um protagonista ou então o casal, sozinhos no seu pedestal, e todo mundo em volta olhando.

Talvez fosse melhor comemorar nossos fracassos... Nada de pódio, nada de falsa glória, apenas a felicidade de estarmos vivos, lado a lado. Com certeza temos mais arrependimentos a compartilhar do que motivos de orgulho. Nesta noite, apesar de tudo o que escutei para neutralizar os meus complexos, não me atrevo a dizer nada. Excesso de medo, de vergonha, e muita coisa para contar. Eu precisaria de meses para revelar todos os meus fracassos e, mesmo assim, eu teria que falar rápido...

Vim à festa para estar com Jérôme, para esquecer tudo, para me divertir, e não me arrependo. Esse tipo de coisa, porém, não impede que o destino continue atento a você. Nunca sabemos em que momento ele vai resolver incidir na nossa vida, nem de que maneira. No meu caso, acontece esta noite, e seu mensageiro é muito esquisito.

Saio para respirar um pouco de ar puro na sacada e me vejo na companhia de todos os fumantes que vão baforar longe dos outros, escondidos tal qual foragidos condenados pela justiça. É noite, e faz um pouco de frio. Fico observando a rua lá embaixo. Jérôme mora no quinto andar e tem uma bela vista dos telhados e do parque vizinhos. Apoio-me no corrimão de alumínio. Está gelado. Inspiro fundo e, bem feito para mim, o que sorvo não é o ar puro da noite, mas uma lufada de algo suspeito que um homem alto está fumando um pouco mais adiante. Tusso e torno a tentar. Desta vez é bom. Perseverar sempre. O ar fresco enche meus pulmões. Serenidade. De onde estou, escuto os risos vindos da sala, misturados ao burburinho da cidade que adormece. Experimento um leve arrepio de bem-estar.

Começo a pensar em tudo pelo que passei nos últimos meses. Sinto-me suficientemente bem para pensar nisso com algum distanciamento, como se fosse a história de outra mulher que eu pudesse analisar sem me envolver. Nem pensar em deixar surgirem as verdadeiras questões. Essas, eu nunca consigo resolver. São numerosas demais, verdadeiras demais. Busco apenas uma visão do todo, neutra, avaliada com frieza, para que eu acredite por um segundo que estou segura, que domino impunemente todo o campo de batalha.

É então que noto um olhar insistente sobre mim. Viro o rosto e vejo um homem bastante jovem, que usa um suéter largo e hippie. Não sei por quê, mas de imediato seu rosto me faz pensar em um esquilo. Os olhinhos pretos engraçados, o nariz se remexendo e dentes feitos para quebrar nozes. Que rosto estranho para um mensageiro do destino. Ele me olha fixamente.

- Oi!
- Boa noite.
- Eu sou o Kevin, e você?
- Julie.
- Você é amiga do Jérôme?

- Como todo mundo que está aqui hoje.
- Me diz uma coisa, Julie: qual foi a coisa mais idiota que você já fez na vida?

Não é a pergunta em si que me desconcerta, mas as respostas que imediatamente me vêm à cabeça. Eu poderia lhe contar sobre quando vesti um suéter enquanto descia às pressas a escada e caí terrivelmente, ficando com a cabeça presa e os braços imobilizados pelas mangas. Um braço e duas costelas quebradas e um hematoma no queixo que levou mais de um mês para sumir. Poderia responder que foi quando tentei consertar um plugue ligado na tomada, precisei das duas mãos para aparafusar o suporte e tive a brilhante ideia de segurar os fios com a boca. Passei uma hora vendo tudo amarelo.

Eu poderia lhe dar cinquenta respostas, todas igualmente ridículas, mas não falo nada. A pergunta dele tem o mesmo efeito de um tapa na cara. Não sei quem é esse tal Kevin. Acho, aliás, que não lhe disse mais nenhuma palavra, mas minha cabeça começa a fundir. A coisa mais idiota que eu já fiz na vida? Eu preciso pensar, porque são muitas. Posso fazer uma lista em ordem alfabética ou em ordem cronológica, tanto faz. Uma coisa é certa: desta vez eu serei obrigada a responder para mim mesma. Disso não poderia escapar. Meu cérebro não me deixa nenhuma saída de emergência. Como se fosse o sinal que ele aguardava para me encurralar diante de uma pergunta existencial que eu vinha ignorando havia muito tempo...

Eu digo a mim mesma, então, que vou responder honestamente. Por isso estou aqui com você. Vou contar a coisa mais idiota que fiz em toda a minha vida.

Que coisa mais linda é uma orca mergulhando. A fascinante potência desse animal, a fluidez e a precisão com que fura as ondas para atacar a presa. Mas que importância tem isso quando se acaba de levar um fora?

Meu nome é Julie Tournelle, tenho 28 anos e estou em pânico. Não por causa da orca que está nos atacando, mas porque, neste momento, a vida não tem se desenrolado do jeito que me descreveram. Uma coisa é certa: eu nunca deveria ter aceitado o convite para vir ao Sul. Fui enganada de novo. Carole me disse: “Venha visitar a gente aqui no Sul, vai fazer bem para você. Faz muito tempo que a gente não passa um fim de semana juntas. Vamos ter tempo para conversar. E assim você vê sua afilhada. Ela cresceu muito, está uma graça, vai gostar de ver você. Venha logo!”

É verdade que Cindy cresceu muito, e acho que é só o começo. Normal, ela tem 9 anos. É verdade também que ela é uma graça, mas, como prometi dizer toda a verdade a você, preciso esclarecer que o lado “uma graça” não sobrevive à primeira manhã de vida em comum. Estranho que eu esteja dizendo isso, pois adoro crianças. Enfim, acho que vou adorar as minhas, se um dia eu tiver filhos.

E é assim que, num belo sábado de agosto, você se vê em Antibes, num parque de atrações aquáticas espremido entre duas autoestradas, junto com mais alguns milhares de pessoas, para ver peixes grandes presos em piscinas enormes, pulando em cima de pequenas sardinhas. Já está calor, o asfalto fica grudento e o preço da água mineral acompanha o do barril de petróleo. Você atravessa o estacionamento lotado de carros imensos equipados com cadeirinhas de bebê e se pergunta o que está fa-



zendo ali. A resposta vem bem depressa, no instante em que vai comprar um algodão-doce para Cindy.

Eu tinha uma boa lembrança de algodão-doce. Quando era pequena, só achava que grudava um pouco na boca. Papai, mamãe, me perdoem: algodão-doce é um horror, um suplício, algo abominável. Não só é sempre grande demais para uma criança conseguir comê-lo inteiro, como gruda por toda parte. Não gruda só na boca, gruda também no nariz, na roupa, no cabelo.

O pior foi quando, na fila de espera, um homem alto me empurrou para cima de Cindy e o algodão-doce dela grudou na minha linda camiseta clara. Uma senhora educada disse que aquilo se chamava “a maldição do Homem-Aranha”, por causa da teia grudenta. E pensar que ainda não tínhamos nem entrado no parque...

Antes do grande show de golfinhos, entramos nos pequenos pavilhões educacionais cheios de animais nadando e placas explicativas. “Os animais são nossos amigos”, “Somos responsáveis por eles”, “A Terra está ameaçada”. É verdade. Mas num dia como este, para mim bastante sombrio apesar do sol, sinto-me tentada a dizer que eu também estou ameaçada, mas nem por isso alguém fez uma placa.

– Ah, dinda, olha! A tartaruga se chama Julie! Que nem você!

– E tem os seus olhos – acrescenta Carole, achando graça. – Mas parece que ela conseguiu manter o namorado...

Não sei de onde vem o ímpeto de energia que nos permite sorrir desse tipo de piada quando nossa única vontade é chorar. Sem dúvida, a mesma força que nos impede de dar um sopapo na nossa amiga pelo seu humor tão torturante. O dia está quente, Cindy tem sede, ela quer um bicho de pelúcia, e eu quero morrer.

O restante do fim de semana é apenas uma longa descida ao inferno. Você está hospedada na residência de uma família de verdade, a casa cercada por flores, o sedã estacionado em frente, brinquedos jogados pela sala, fotografias nas paredes, as piadinhas que só eles entendem. E, apesar de toda a gentileza demonstrada por eles, você se sente uma estranha nesse mundo de afeto tão banal para aqueles que têm a sorte de vivê-lo.

Cindy toca uma música na flauta para mim. Não reconheço a melodia. “À la claire fontaine” assassinada? “Hino à alegria” traído e arruinado? Não. É a música-tema da nova série televisiva do californiano espi-

nhento cujas fotos cobrem as paredes do quarto dela. Em seguida vem a degustação de cookies queimados. Se um dia eu tiver câncer, saberei de onde veio. Depois disso, nós brincamos de “Venha me maquiarse”. Eu deveria ter passado mais rímel em volta das suas narinas, porque ela não teve o menor pudor de passar batom em mim até dentro das orelhas.

Mas isso não foi o pior: tivemos mesmo tempo para conversar.

– É quase uma sorte o Didier ter ido embora. Ele não era homem para você. Vai ter sempre a mentalidade de um garoto de 10 anos, e você teria passado a vida inteira cuidando dele.

Observem que, se vocês substituíssem “Didier” por “Donovan” e acrescentarem “ele só estava interessado na sua fortuna”, no fim das contas parece o diálogo de um seriado americano. Obrigada, Carole. Você me ajudou mesmo.

Choro durante todo o trajeto de volta no trem. Tento de tudo para pensar em outra coisa. Na estação, num acesso de fraqueza, compro a revista que fala de gordura localizada e dos tratamentos de desintoxicação das celebridades. Nunca entendi como se pode escrever um artigo sobre crianças que não têm o que comer e, na página ao lado, enfileirar top models em carros luxuosos divulgando a excelência de roupas estúpidas, impossíveis de serem usadas, cujo preço representa seis mil anos de salário dos pobrezinhos, que vão morrer antes de poder vesti-las. Quem somos nós para aceitar isso?

Viro as páginas até chegar ao horóscopo. “Leão: saiba escutar seu parceiro ou o tom vai esquentar.” Que parceiro? Escutar foi só o que eu fiz, e que resultado... “Saúde: evite abusar do chocolate.” “Trabalho: você vai receber uma proposta que não poderá recusar.” É o que se chama de revelação bombástica. Francamente, eu gostaria de saber como se lê nos astros que não se deve abusar do chocolate. Não acredito que Plutão ou Júpiter sejam capazes de me dizer o que eu posso ou não comer, e quem afirma o contrário é, no mínimo, um charlatão. Também não consigo me interessar pelas fofocas das subcelebridades, que dão declarações estarrecedoras como “Estou disposta a tudo para ser feliz” ou “Adoro quando me amam”. Larguei a revista.

Em seguida, me empenho em entender o que Cindy tentou representar num belo desenho colorido que me deu logo antes de eu partir. Um gato esmagado dentro de um pote? Um ácaro visto do microscópio?



De nada adianta. Choro. Penso em Didier. Pergunto-me onde ele estaria naquele exato instante. O que teria feito no fim de semana? Faz só quinze dias que ele me largou, mas tenho certeza de que já arrumou alguém. Músico, motoqueiro e bonito: um homem assim não fica sozinho muito tempo.

Esse daí me enganou direitinho. Pensando bem, que babaca! Nós nos conhecemos num show. Não no Zénith Paris, mas numa casa de festas de Saint-Martin, uma cidadezinha sem importância. Ele cantava numa banda de rock alternativo chamada Music Storm. Só pelo nome eu já deveria ter desconfiado. Eu estava com duas amigas. Tínhamos ganhado ingressos, então fomos, curiosas. O som estava tão alto que minha cabeça vibrava. O show foi uma porcaria, mas Didier estava lá, em pé debaixo do canhão de luz, no meio dos seus amigos histéricos, todos se achando astros do rock. Ele arranhava no inglês, mas era um homem bonito. A primeira coisa em que reparei foi a sua bunda. Minha amiga Sophie sempre diz que só os homens safados têm bundas bonitas, e a bunda de Didier era linda.

Depois do show, olhei nos olhos dele, e tudo aconteceu muito depressa. Ainda não sei por quê, mas ele me seduziu. Um quarto de artista rebelde, um quarto de adolescente hiperativo, e outra metade que eu tinha dificuldade para identificar. Uma verdadeira paixão à primeira vista.

Que canalha... Sempre devemos lembrar a primeira coisa que nos agrada nas pessoas. Eu deveria ter me contentado com a bunda dele. Nós ficamos, e comecei a ir junto com ele a todos os shows. Eu passara 26 anos sem pôr os pés num bar e, em três meses, conheci todos os da região. Por ele, deixei para trás minhas amigas. Ele dizia que precisava de mim. O pior era quando estava “escrevendo”. Ficava num humor de cão, exceto com os outros. Podia passar horas imóvel em frente à TV, e então, do nada, ficava irritado. Saía para dar uma volta de moto, ou então tínhamos que sair para lhe comprar roupas. Sempre ouvi dizer que, quando estão criando, os artistas passam por esse tipo de fase. Acho que é verdade, a não ser para os que têm talento.

Passávamos o tempo inteiro juntos. Eu o ouvia contar os milhares de coisas que iria fazer e o via folheando suas revistas de moto. Ele transava comigo quando sentia vontade e eu o observava buscando inspiração em qualquer coisa, da internet ao cereal do café da manhã. Que inspiração

podiam proporcionar os ingredientes de um cereal? Como eu fui boba... Para ajudá-lo, acabei abandonando os estudos e arrumei um emprego de meio período num banco, o Crédit Commercial du Centre. Durante o dia, eu amargava seminários motivacionais para aprender a empurrar qualquer coisa para clientes já arruinados, e à noite eram shows e chilies. Nem conto para você o dia em que, tomado por um delírio megalomaniaco ao final do segundo refrão, Didier se atirou em “seu” público para ser carregado feito um astro do rock, mas, no pequeno salão da Monjouilloux, os vinte gatos pingados da plateia se afastaram e ele se esborrachou no chão feito um tomate podre. Eu deveria ter visto nisso um sinal.

É claro que Didier se mudou para a minha casa. Eu pagava tudo. Ele me tratava como se eu fosse uma fã. Eu percebia, mas sempre encontrava alguma desculpa. Nossa história durou dois anos. Eu tinha noção de que não conseguiríamos passar a vida juntos, mas, muitas vezes, como já confessei, tenho dificuldade para encarar a realidade. Então é isso: o cantor foi embora, e eu continuo prisioneira de um emprego tapa-buraco nesse banco que é “o único honesto”.

A partir daí, tudo desmoronou. Primeiro, veio a solidão, depois as saídas com outras amigas solteiras. Ficamos fazendo de conta, tentando acreditar que éramos livres e que a vida era muito melhor sem esses homens que não prestam. Repetimos esses discursos frágeis até que uma de nós finalmente se apaixona. Reconfortamos umas às outras como podemos. Digo “uma de nós”, mas está mais para “uma delas”, porque para mim foi a travessia do deserto. Nada, zero, porcaria nenhuma.

Éramos cada vez menos numerosas nas saídas. Às vezes, alguma das antigas reaparecia. Um clube de largadas. No fim das contas, pensando bem, o mais comovente era o não dito. Aqueles olhares que iam além da encenação que fazíamos para aguentar. Havia uma espécie de afeto solidário, canhestro, surdo, mas real. Se continuávamos saindo, não era por causa dos joguinhos idiotas, mas por causa dessa solidariedade cheia de reservas. E quando voltamos para casa sozinhas é que surgem as verdadeiras perguntas: será que já me apaixonei? Será que o meu dia vai chegar? Será que o amor existe mesmo?

Ao sair da estação, após ter chorado por 2 horas e 17 minutos dentro do trem, é esse o ponto em que eu estou. Atravesso metade da cidade



a pé. É uma bela noite de verão. Eu estou ansiosa para voltar para minha rua, para o meu mundinho, mas o destino ainda me reserva outras surpresas. Acharmos que conhecemos o ambiente que nos cerca, mas às vezes basta que um detalhe mude, e você nem desconfia que a sua vida inteira vai mudar. E para isso nunca estamos preparados.

Gosto da minha rua. Existe vida de verdade lá, uma atmosfera. Os prédios são antigos, numa escala humana; há várias coisas nas sacadas – plantas, bicicletas, cães. Em relação a lojas, estamos muito bem servidos: encontra-se de tudo, desde a pequena livraria até a lavanderia automática. Não é uma rua principal, então quem vai até lá tem sempre algo a fazer. A rua faz um leve declive na direção oeste. Quando o sol se põe, quase dá para acreditar que mais adiante, lá embaixo, encontraremos o porto, o horizonte e o mar, ainda que o litoral mais próximo esteja a centenas de quilômetros. Cresci a dois quarteirões daqui. Quando meus pais se mudaram para o sudoeste depois de se aposentarem, eu quis ficar. A única vez que quis ir embora foi logo depois da partida de Didier. Lembranças demais... sobretudo lembranças ruins demais com ele. Mas as boas logo tornaram a se impor.

Admiro quem se lança na descoberta do mundo, quem faz as malas para ir morar um ano no Chile, quem se casa com um australiano, quem compra uma passagem de avião para decidir tudo lá quando chegar. Eu sou incapaz disso. Preciso de referências, do meu universo e, sobretudo, daqueles que o povoam.

É verdade que me apego com facilidade. Para mim, a vida é, em primeiro lugar, aqueles com quem nós a construímos. Adoro minha família, mas os vejo duas vezes por ano, enquanto meus amigos encontro quase todos os dias. Um cotidiano compartilhado é muitas vezes mais forte do que um grau de parentesco.

Até mesmo a dona da padaria, a Sra. Bergerot, faz parte dessa estranha família. Ela decifra minha expressão facial, me conhece desde que



sou pequenininha, e eu sei que às vezes, apesar da minha idade, hesita em me entregar uma bala junto com o troco. Sua padaria fica bem ao lado da mercearia de Mohamed, que, aliás, se chama “Chez Mohamed”. A mercearia está sempre aberta. Ele é o terceiro Mohamed que eu conheço. Acho que só o primeiro tinha realmente esse nome; os outros, que vieram depois, preferiram ser chamados de forma igual a ter de mudar o letreiro.

Quanto mais avanço pela minha rua, mais me sinto bem. Se um dia eu perder toda a noção do tempo, se ficar louca, tenho um jeito infalível para saber em que dia estamos. O segredo é a vitrine da delicatessen chinesa do Sr. Ping. Às vezes me pergunto se esse também não seria um nome falso. Em cinco anos, ele não melhorou muito o seu francês, mas tenho quase certeza de que é para fazer tipo.

Para saber em qual dia da semana estamos, basta ler o menu na sua vitrine: às sextas, ele faz uma grande promoção de camarão no vapor. Aos sábados é a vez do camarão salteado ao sal e pimenta. Aos domingos, camarão com cinco especiarias. Às segundas, ao molho agridoce, mais agri do que doce. Às terças, com pimenta do Sichuan, e às quartas, ao molho picante. Se você passar por estas bandas, nunca compre camarão depois de domingo. Uma vez, quando tinha acabado de me mudar, comprei na quarta à noite. Passei mal feito uma condenada. Fiquei três dias seguidos indo ao banheiro. No fim, eu já estava lendo a lista telefônica.

Nesta segunda-feira, ao voltar para casa, ainda está de dia e faz uma temperatura amena. Saboreio o momento. Quando passo em frente à casa de Nathalie, vejo a luz acesa na janela. Chegando perto do meu prédio, tenho uma sensação comparável à de alguém que enfia os pés cansados nos seus chinelos preferidos. Depois de três dias na casa de Carole, finalmente estou no meu espaço, no meu território. Acho que até mesmo aquele imbecil do Didier sabe que não seria bom dar as caras por ali outra vez. Com gestos de artista, Mohamed empilha damascos.

– Boa noite, Srta. Julie.

– Boa noite, Mohamed.

Chegando ao meu prédio, tudo está no seu devido lugar. Digito a senha do porteiro eletrônico, empurro a porta e vou direto para as caixas de correio. Abro a portinhola da minha: duas contas e uns anúncios. Num dos envelopes está escrito, em letras grandes, que eu posso ganhar

um ano de comida para meu gato. Não tenho gato e ainda não cheguei ao ponto de comer ração. Depois eles nos dizem para economizar papel para salvar o planeta. Se parassem de nos soterrar, para começo de conversa...

Quando fecho minha caixa de correio, reparo no nome escrito na caixa ao lado. Eu sei que o casal do terceiro andar foi embora por causa de um segundo filho, mas não sabia que o novo morador já havia se mudado. “Sr. Ricardo Patatras”. Que nome é esse? Ricardo Cablam, Ricardo Catapum... Parece que abriram um circo no bairro e o palhaço resolveu morar aqui. Sério, não se deve zombar dos outros, mas isso é demais. Fico alguns segundos lendo e relendo a etiqueta do novo morador com um sorriso estúpido estampado no rosto. O primeiro do fim de semana.

Subo para o meu apartamento. Ligo para Carole para avisar que cheguei bem e que, infelizmente, o moreno alto sentado na poltrona em frente à minha no trem não tentou dar em cima de mim. Coloco roupa para lavar. Vou tomar banho, e adivinhe? Não consigo parar de pensar naquele nome. Que idade teria aquele tal Ricardo Patatras? Como seria a cara dele?

Com um nome desses, reconheça que a imaginação ganha asas. Se “François Dubois” vem morar no andar em cima do seu, você tem a impressão, talvez equivocada, de já saber tudo. Equivocada com certeza, aliás, porque, pensando bem, conheci um François Dubois no ensino fundamental e, da última vez que soube dele, foi pela florista que havia acabado de consolar sua mãe, porque ele foi condenado a dois anos de prisão com direito a condicional e uma multa enorme por tráfico de azeite falsificado. Para você ver...

Mas, quando se trata de Ricardo Patatras, são outros quinhentos. Um nome grandioso, forte, como o de um aventureiro argentino defensor da causa dos orangotangos, como o patronímico do inventor da torrefação em grande altitude, ou o nome de um grande mágico espanhol que se exilou depois de ter trespassado a ajudante com as espadas e nunca ter se recuperado, porque era secretamente apaixonado por ela. Esse simples nome já diz muita coisa, mas não que se trata de um vizinho de prédio banal, não mesmo.

Então, de repente, no chuveiro, me dou conta de um novo objetivo na vida: saber que cara ele tem. Fecho a torneira e pego a toalha. É



então que ouço passos na escada lá fora. Corro para espiar pelo olho mágico se é ele quem está subindo. Saio correndo feito louca e escorrego. Se eu quisesse ironizar com a onomatopeia, poderia ter dito “patatrás”, mas foi mais para “catapum”. Acabo pelada no chão, estatelada de corpo inteiro e cheia de dores inexprimíveis. Que imbecil! Nunca vi o sujeito e ele já está me levando a fazer uma coisa idiota. É a primeira vez. Não seria nem a última, nem a pior.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br